



# Manuel Farinha dos Santos

**Lisboa: 24 de agosto de 1923**

**Lisboa: 29 de setembro de 2001**

---

Manuel Farinha dos Santos matriculou-se no curso de Ciências Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1942, com 19 anos e, ao mesmo tempo, na Escola Superior Colonial, nos cursos de Árabe e de Sânscrito, embrenhando-se no estudo das principais religiões orientais, numa actividade polifacetada.

Ao serviço do Ministério do Ultramar e fazendo uso da sua formação anterior, partiu para o Oriente, em Agosto de 1954; cumprida a missão oficial, regressou, em Outubro de 1956, enriquecido pelos contactos com outras gentes e a visita a antiquíssimas ruínas esquecidas de velhas civilizações, que lhe despertaram a paixão pela Arqueologia. Já com 34 anos, decidiu terminar a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, como aluno voluntário, propondo a Manuel Heleno uma dissertação sobre as peças de *terra sigillata* pertencentes às colecções do Museu Nacional de Arqueologia. Concluída esta, em Julho de 1958, foi logo convidado para segundo assistente da Faculdade de Letras de Lisboa. Iniciou-se, então, nova etapa da sua vida. Ciente de que o ensino da Arqueologia requeria uma forte e exigente componente prática, todas aulas práticas da disciplina de Pré-História passaram a decorrer fora da Universidade, especialmente no Museu Nacional de Arqueologia, então organismo anexo à Faculdade de Letras.

Entretanto, realizou no Museu Nacional de Arte Antiga o Curso de Conservadores de Museus, Palácios e Monumentos Nacionais, tendo sido logo depois nomeado Professor daquele Curso e, em 1968, Director do Panteão Nacional, cargo de que foi afastado em 1975, para ser reintegrado no mesmo em 1982.

Entretanto, o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, sob a direcção do Prof. Fernando de Almeida, beneficiou da sua colaboração permanente, ao assumir as funções de conservador a título gratuito, tendo então a oportunidade de estudar, sozinho ou em colaboração, materiais das escavações de Manuel Heleno e das suas próprias, com destaque para os concheiros do vale do Sado.

O seu nome fica para sempre ligado à gruta do Escoural, investigada sob sua direcção, entre 1963 e 1968. É o próprio que descreve, em 1964, as circunstâncias da descoberta por si efectuada da arte pré-histórica na gruta, seis meses volvidos sobre os primeiros trabalhos na necrópole neolítica ali existente e depois de numerosos arqueólogos terem visitado o local: "Ao salpicar um conjunto de traços sumidos, de interpretação duvidosa e já observados muitas vezes, apareceu, com toda a nitidez, uma espantosa figura híbrida e itifálica, como que a anunciar, por recursos de magia, uma arte paleolítica que durante cerca de seis meses se recusara a mostrar-se ...".

Com o surto de desenvolvimento tecnológico e industrial que o País conheceu nos inícios da década de 1970, a sua visão dos acontecimentos, servida por espírito sempre atento, manifestou-se de forma inovadora e com resultados práticos que perduram até hoje, com a criação do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, em Junho de 1972. É supérfluo sublinhar o alcance desta iniciativa. Hoje, quando a chamada "Arqueologia de salvamento" e os estudos de impacte ambiental, incluindo a componente arqueológica, estão na ordem do dia, não será de mais salientar este esforço pioneiro, cuja valia se encontra demonstrada pelos numerosos trabalhos publicados no âmbito da vigência, por si e por seus valiosos colaboradores, os Drs. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.

Também a Associação dos Arqueólogos Portugueses, primeiro e, depois, a Academia Portuguesa da História e a Universidade Autónoma de Lisboa, ficam-lhe devedoras de inestimáveis serviços, em resultado dos cargos de responsabilidade ali exercidos sempre de forma empenhada e dedicada até ao seu último alento.